

Um posto avançado

Mário Duque*

TIANJIN dista pouco mais de cem quilómetros de Pequim em direcção ao Este e distingue-se por três características notáveis que surgiram na seguinte ordem cronológica.

O rio Haihe atravessa Tianjin no final da conjugação de nove afluentes e foi integrado na rede de canais de navegação que durante a dinastia Sui (581-618) dotaram a China de notáveis condições de comunicação fluvial. Uma obra que foi muito mais que mera megalomania apontada a um imperador que se passeava pelo império em faustosas barcas e pernoitava em palácios especialmente construídos para esse efeito nas margens do Grande Canal por si mandado construir e sulcado ao longo de mais de 1600 km de extensão.

Dessa acessibilidade fluvial que incluía o acesso marítimo de Pequim ao Golfo de Bohai resultava também a vulnerabilidade da capital imperial à invasão estrangeira.

Foi isso que determinou que Tianjin se configurasse desde o início dessas obras como um posto avançado de protecção militar, mais tarde um entreposto comercial, que é a marca histórica de Tianjin como cidade portuária, a disposição que caracteriza os seus habitantes e a origem do seu estatuto de pólo económico e político.

Foi também desta articulação territorial que séculos mais tarde, por via dos eventos associados à Segunda Guerra do Ópio que tiveram por desfecho exactamente o tratado de Tianjin (1858), no qual a China abriu mais 11 cidades portuárias aos interesses estrangeiros, e com isso o início das concessões estrangeiras em Tianjin que teve a seguinte progressão:



Entre 1860 e 1861 o Reino Unido, a França e a América asseguraram áreas de concessão em Tianjin de 7.6, 21.6 e 7.86 hectares respectivamente.

Num segundo estágio a Alemanha adquiriu 62.4 hectares em Outubro de 1895; o Japão adquiriu 100.02 hectares entre 1896 e 1898, que expandiu em 1900 e o Reino Unido expandiu a sua área em direcção a Oeste para um total de 97.8 hectares.

Seguiu-se um terceiro estágio quando em entre 1900 e 1902 novas concessões foram abertas pela Rússia (328.44 hectares), Itália (46.26), Bélgica (44.85) e Áustria (61.8), em 1900, 1901, 1900 e 1902 respectivamente. Neste período a concessão Americana foi absorvida pela do Reino Unido, ao mesmo tempo que se progrediu em expansão para Oeste em 1901, atingindo uma área total de 368.94 hectares (mais tarde quase 400). As concessões Francesa, Alemã e Japonesa expandiram-se para 171.6, 245.04 e 124.4 hectares respectivamente. O total de área de concessão atingiu assim cerca de 1,400 hectares**.

No total foram nove as potências estrangeiras que se fixaram em Tianjin entre 1860 e 1945.

Apesar do sentimento de indignidade nacional que marcou as condições dessa ocupação a cidade prosperou sob as novas políticas comerciais e tornou-se o centro do Movimento de Ocidentalização (yangwu yundong 洋务运动) da Dinastia Qing no Norte da China.

A cidade exibe-se hoje com o orgulho de ter sido o primeiro lugar da China onde se acendeu uma lâmpada eléctrica, se estabeleceu uma linha telefónica e de telégrafo, e se exibiu a primeira locomotiva de fabrico nacional.

Os promotores oficiais de Tianjin exibem também a mesma característica que reclamam outras cidades asiáticas que resulta da fusão da cultura tradicional com a cultura de outras partes do mundo, nomeadamente no acervo arquitectónico que reúne.

O mesmo eufemismo, que igualmente branqueia muitos aspectos da história de outros lugares, em Tianjin não se aplica principalmente por dois motivos.

O primeiro foi que o estabelecimento da permanência estrangeira foi feito por via de meios administrativos e militares próprios ao que correspondeu o estabelecimento em Tianjin de um dos principais centros das forças de resistência civil clandestinas, os Yihetuan (Boxers), às condições da ordem administrativa e militar estrangeira.

O segundo motivo foi que o modelo implementado de cidade, nomeadamente os edifícios que se construíram por volta dos anos 20 e 30, revelam ser a expressão de elites muito conhecedoras da sua contemporaneidade, expressão que não é nada susceptível de resultar em formas de miscigenação cultural ao contrário de outros lugares da Ásia que não tiveram os mesmos comandos de elites.

Em Tianjin as ruas marcam frentes de quarteirões com casas que não se escondem em pátios mas antes se exibem na frente de rua, as ruas são ladeadas por tilias, desembocam em praças, algumas em rotundas, alguns lotes são jardins e em alguns desses jardins joga-se pachorrentamente croquet



numa tarde de fim de semana, que poucos cidadãos europeus ainda sabem jogar.

Os edifícios ao estilo estrangeiro ocidental edificados em Tianjin não têm qualquer relação orgânica com a cidade tradicional antes eram os modelos porque se exprimiam os residentes dessas casas no seu estilo de vida de onde eram originários e edificados numa malha urbana imposta num território onde foram negociados direitos para esse efeito.

Na substância arquitectónica que daí resultou sequer proliferam casas ao estilo "comprador" da iniciativa de empresários locais como aconteceu em Macau, Xangai ou Hong Kong.

A Rua Jiuzhong, hoje chamada Rua Jiefang, atravessa várias concessões estrangeiras, nomeadamente a francesa, a britânica e a alemã, e o acervo arquitectónico aí reunido dos anos 30 tem a particularidade de reunir todas a experimentação da arquitectura moderna em curso na Europa à data e que teve mais expressão na arquitectura residencial

das elites, nomeadamente nas elites industriais, do que propriamente na arquitectura de estado mais conservadora e historicista.

Os sinais do desenho exibidos nesse conjunto de edifícios têm reminiscências ao movimento Arts and Crafts que surgiu em Inglaterra com William Morris e Charles Rennie Mackintosh, ou mesmo reminiscências às Oficinas de Vienna, Wiener Werkstätte, o movimento que reunia os artistas que não se quiseram sujeitar às imposições das academias de Belas Artes, que achavam que a arquitectura tinha que encontrar um desenho de contemporaneidade em vez de exercitar estilos históricos, estimulando inclusivamente os artífices a desenvolverem os seus conhecimentos num sentido de contemporaneidade.

Movimento que na França teve expressão nos artistas que se apresentaram à exposição das Artes Decorativas de 1925 e na Alemanha veio a reunir artistas em torno das Deutsch Werkbund.

É por estas características que o acervo de arquitectura moderna ocidental de Tianjin não é susceptível de fazer parte de qualquer interacção cultural porque ele é uma mensagem arquitectónica em si que nunca foi passível de ter outras versões, porque os seus protagonistas naturalmente não o permitiram, mas que também sequer veio a conhecer adaptações mais tarde pelos novos ocupantes desses edifícios após 1945.

Isto porque se admite que a adopção de um modelo passa pela compreensão e pela adesão a esse modelo e que não é susceptível de incorporar outras manifestações, por falta de oportunidade, sequer de interesse, ou por risco de perder sentido.

Em modo semelhante, em resultado de encontros civilizacionais, independente das circunstâncias que geraram esses encontros, se aderiu, por exemplo, a uma numeração árabe, e não a formas miscigenadas de numeração que não fazem sentido, ou sequer funcionam.

Em Tianjin todo o acervo de arquitectura moderna ocidental das concessões estrangeiras está inventariado, os edifícios estão identificados no local com uma breve descrição, sentido que poucas cidades ocidentais dedicam ao seu património arquitectónico moderno. Os actuais ocupantes desses edifícios permanecem neles numa linha de pelo menos 3 gerações.

* Arquitecto

** Fonte: Escola de Arquitectura, Universidade de Tianjin.



hojemacau

CARTOON DOMESTICAR O LEÃO TIBETANO

Propriedade FÁBRICA DE NOTÍCIAS LDA

Director João Costeira Varela • **Redacção** Carlos Picassinos; Island Ian; Joaquim Correia Leal; Raquel Silva Tavares; Sofia Jesus • **Colaboradores** Alberto Bernardes; José Carlos Matias; João Drago; Joaquim Magalhães de Castro; João Valle Roxo; Luís Ortet; Rui Cascais; Sérgio Fonseca • **Colunistas** Ana Cristina Alves; António Conceição Júnior; Carlos Moraes José; Correia Marques; Gilberto Lopes; Helder Fernando; João Assunção Ribeiro; Jorge Rodrigues Simão; José Cláudio Silva; José Ferreira Pinto; José I. Duarte; José Luís Sales Marques; Marinho de Bastos; Paul Chan Wai Chi; Pedro Correia; Pinto Fernandes; Ring Joid • **Cartoonistas** Stephane Peray • **Grafismo** Paulo Borges; Rui Rasquinho • **Ilustração** Rui Rasquinho; Paulo Borges • **Fotografia** Lusa; GCS • **Secretária de redacção** Patrícia Inhaia • **Publicidade** Laurentina Silva • **Assistente de marketing** Vincent Vong • **Impressão** Tipografia Welfare • **Morada** Av. Dr. Rodrigo Rodrigues nº600 E, Centro Comercial First National, 14º andar, Sala 1408 - Macau • **Telefone** 28752401 • **Fax** 28752405 • **e-mail** hoje@macau.ctm.net

www.hojemacau.com

